

Uma pessoa como você nunca morre



Denise Gonçalves
Paixão

Quando recebi a mensagem da professora Vanessa Empinotti para escrever o editorial desta publicação, a emoção invadiu minha mente, senti uma alegria imensa e os olhos já lagrimaram de gratidão. E assim segui ao longo deste texto!

Por mais que eu tenha convivido com o Rodrigo por 12 anos como sua companheira e outros bons anos tendo o Rodrigo como uma fonte de informação (ele atuava em movimentos sociais e políticos e eu era repórter do principal jornal do município onde residíamos: Vinhedo), é muito difícil falar sobre essa figura tão surpreendente, audaciosa e que, como eu costumava me referir a ele, “tem total autonomia sobre a Terra”. Com isso, eu fazia referência ao fato de o Rodrigo ser capaz de conseguir, praticamente, tudo o que estivesse disposto a fazer. E, aparentemente, pouca coisa o surpreenderia entre as muitas histórias do cotidiano.

Paradoxalmente, apesar de nada previsível, alguns conceitos eram facilmente identificáveis nele e balizavam suas atitudes: era humanista ao extremo e isso se refletia em todos os aspectos, inclusive, no tratamento para com seus adversários políticos, e, ao mesmo tempo, era firme em suas falas e atitudes. Sua vida pública foi pautada por uma inegociável predisposição em proteger as camadas menos favorecidas da sociedade. Pessoalmente, era incapaz de comentários pejorativos sobre qualquer pessoa e sempre fora coerente em seu estilo de vida. Era um estudioso contumaz e de uma capacidade fenomenal de retenção do conteúdo, o que o permitia analisar os fatos passados, em analogia aos atuais, com a sabedoria de quem parecia ter estado em épocas ou lugares jamais visitados.

Neste último aspecto, para além da teoria, Rodrigo encontrou na UFABC – Universidade Federal do ABC, especialmente, no Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território – ao lado da professora Vanessa, de toda a equipe docente, colaboradores da Universidade e colegas discentes, o amparo mais que suficiente para a vida acadêmica que tanto almejou.

Até então, alguns assuntos complexos se apresentavam, para ele, com respostas muito simples. Rodrigo precisava de subsídios, de interdisciplinaridade, carecia de ‘ler’ a sociedade, dar voz à inquietação que o acometia e, para isso, era importante saber, dentre tantas questões, como determinados espaços foram planejados – ou não.



Enfim, o tema dos “Comuns” chegava para ocupar o seu espaço naquele cérebro ávido por entender as transformações históricas, econômicas, ambientais, seus autores, porque estavam ali naquela determinada época, e tantas outras análises, em que ‘não há uma resposta fácil’; frase usada pelo próprio Rodrigo como defesa, sabiamente, quando o momento assim o exigia.

Como não poderia deixar de ser, seus estudos começaram pelo território onde Rodrigo vivia. Assim, desenrolou-se o ano de 2017 e os preparativos para ingressar no Mestrado em Planejamento e Gestão do Território. Ali nascia o livro “Vinhedo: das aldeias indígenas aos condomínios fechados”, publicado pela Editora Horizonte, em 2018.

E como foi importante encontrar a base teórica para expor seus pensamentos sobre os comuns e, de maior grandeza, entregar aos vinhedenses sua verdadeira história, de seus antepassados, sobre a constituição do município que hoje é uma das cidades mais pujantes do interior paulista.

Eu mesma, até então, pautava minhas reportagens – ao longo de 16 anos como repórter em Vinhedo, nas edições impressas sobre o aniversário de emancipação política e administrativa do município – nos relatos das pessoas mais antigas da cidade, que vinham recheados de ‘contos’ de seus avós/bisavós. Nada técnico!

Por sua vez, e fazendo um estudo totalmente inovador, Rodrigo pesquisou as características geomorfológicas, a pré-história, os povos originários, os afrodescendentes, a contextualização da epidemia de febre amarela, o papel da igreja etc. E a Fazenda Cachoeira entremeada a tudo isso com, hipoteticamente, a faca da especulação imobiliária fincada em uma de suas gigantescas árvores. Quando li o livro, não tive outra frase, senão: “Rodrigão, você ‘quebrou tudo!’”

Falar de Vinhedo, do lugar que ele escolheu para ser agente de transformação da sociedade, era passar, para a teoria, a prática vivida na vida pública.

Cabe ainda um parêntese nesta trajetória: mesmo antes de ter um mandato político, Rodrigo foi um dos protagonistas na coleta de assinaturas para formalizar, diante de todo o Brasil, o primeiro projeto de iniciativa popular para a instituição, na cidade de Vinhedo, da Lei da Ficha Limpa Municipal. Para chegar a esse feito, uma grande mobilização popular coletou assinaturas ao longo de 2011. Eleito vereador em 2013, sofreu ataques da oposição, processos judiciais, mas resistiu bravamente.

Uma das pressões que enfrentou foi a tentativa de loteamento da Fazenda Cachoeira, algo que era – e ainda é – anseio de seus proprietários. Embora o local já tenha uma área com um raio de 300 m² no entorno da casa-sede tombada pelo Patrimônio Histórico, a especulação imobiliária no local seguiu intensa. Durante a discussão do Plano Diretor do Município, ainda em 2006, a Fazenda Cachoeira passou por seu primeiro embate com a finalidade de ser loteada. Houve mobilização da população na época e o projeto não logrou êxito.

Após a publicação de seu livro, já em 2020, nascia a tese que daria a Rodrigo o tão sonhado título de mestre em Planejamento e Gestão do Território, intitulada: “Desafios para a Consolidação de um comum: o caso da Fazenda Cachoeira, Vinhedo/SP – Brasil”, momento inesquecível em sua trajetória.

Aqui, destaco um trecho da apresentação da tese. Assim, poderemos ‘sentir’ como Rodrigo se expressava, com as palavras dele:

“... Esta dissertação tem como horizonte os desafios para a formação e consolidação dos comuns nas cidades, frente às dinâmicas sociopolíticas expressadas nos regimes de propriedades socialmente reconhecidos. A pesquisa parte da análise e estudo de caso de uma fração do território do município de Vinhedo-SP, visando entender como o comum é constituído e quais fatores e variáveis atuam em contrário. Com base no acúmulo teórico acerca deste tema, será problematizada sua definição contemporânea e os respectivos parâmetros que constituem o fenômeno. O objeto empírico proposto, a Fazenda Cachoeira, é um território com características de um comum não consolidado, constituído historicamente em um espaço híbrido, sendo uma propriedade privada com áreas públicas e bens tombados circunscritos. Por razões e fatores históricos e contemporâneos, parcela importante do antigo latifúndio, de onde se originou o município, suportou as diversas ofensivas de interesses imobiliários, se tornando uma fração do território resistente à mercantilização e a principal área de convivência da cidade. No entanto, mesmo tendo garantias legais, áreas públicas, represas e nascentes que garantem parte do abastecimento de água, e sendo relevante para a cultura, preservação ambiental, turismo, lazer e integração do espaço urbano, ainda pode se tornar um loteamento fechado...”

A classificação em 1º lugar para cursar o doutorado veio na sequência, mesmo já em tratamento da doença e com mais uma campanha eleitoral no caminho. Os trabalhos de doutoramento se iniciaram na UFABC e, em 2022, passaram a ocorrer em cotutela com a Universidad Autònoma de Barcelona (UAB), no IGOP (Instituto de Gobierno y Políticas Publicas). Nesse período, já estávamos em Barcelona para que o Rodrigo também pudesse participar de ensaios clínicos e tratar a metástase do câncer que o acometia. No entanto, não fora possível concluir o Doutorado, pois Rodrigo faleceu em 4 de novembro de 2023, aos 44 anos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Montjuïc.

Andar, ao lado de alguém que estudava planejamento urbano e tinha uma visão bastante inclusiva, pelas ruas de Barcelona - uma cidade tão rica no assunto - foi um privilégio para mim. Tanto que aqui estou, resisto.

Resisto assim como resiste a Fazenda Cachoeira, em Vinhedo. Ela, ainda não loteada e precisando, cada dia mais, da mobilização da sociedade local, do empenho do Ministério Público, do rigor mais que necessário do Estado, por meio do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), para a preservação de seu rico patrimônio histórico, para a valorização de seu remanescente de Mata Atlântica, para a conservação de seu potencial hídrico e, inclusive, pela memória de sua última moradora, D. Leontina Monteiro de Barros, cuja história daria outro livro.

Essa Fazenda precisa, mais que tudo, do olhar de todos nós. Destaco aqui o trabalho do Movimento Parque Fazenda Cachoeira e de seus participantes e, mais recentemente, também do Movimento Refloresta, essenciais para que a luta continue e para que a tese de Rodrigo perdure como um documento atual.

Nos dias em que, mentalmente, planejei esse editorial, pensei em procurar, na fototeca do meu celular, a data da foto que tirei quando fizemos a matrícula no Mestrado, na Universidade, em Santo André. O objetivo era ter um ‘gancho’ (como se diz no Jornalismo) do assunto ‘quem foi Rodrigo’ para a o tema ‘vida acadêmica’. Aqui uma grande surpresa/coincidência: a data da foto na UFABC é de 8 de fevereiro de 2018, às 11h11.

Exatamente um ano depois, em 8 de fevereiro de 2019, uma sexta-feira, porém, no início da noite, ouvíamos o diagnóstico da doença – adenocarcinoma colorretal metastático – com o médico, na Casa de Saúde, de Campinas, dando o passo a passo da cirurgia que aconteceria no dia seguinte e do tratamento como um todo. Tudo muito imediato, ‘para agora’, como não poderia deixar de ser em se tratando de Rodrigo. Essa foto na UFABC, desde que fora tirada por mim, segue ilustrando as redes sociais do Rodrigo pelo simples motivo de a formação educacional, para ele, vir em primeiro plano.

O ‘gancho’ para escrever este artigo sobre o início de sua vida acadêmica na UFABC, agora está aqui, para que eu, já finalizando, possa relatar que, uma vida pautada pela busca constante de desafios, desprovida de medo e insegurança, não será esquecida.

Quando tivemos de tomar a decisão mais dolorida de todo o ser humano, que é atravessar a “ponte do sempre”, eu disse, olhando nos olhos do Rodrigo e com uma firmeza que não sei ao certo onde encontrei naquele momento: “Rodrigo, uma pessoa como você nunca morre”.

E o Rodrigo vive aqui, neste exato momento, nesta homenagem.

Escrevi o texto em primeira pessoa, porém, jamais conseguiria expressar aqui a gratidão que sinto, todos os dias, de ter tido ao meu lado – e agora em meu coração – uma pessoa que certamente aperfeiçoou, e ainda direciona minha existência, com seus ensinamentos. Peço desculpas pela informalidade do texto em uma publicação acadêmica, porém sinto que não poderia deixar de assim expressar a intensidade de toda essa trajetória.

Ressalto que tudo isso só está sendo possível, pois o S. Geraldo e a D. Maria, pais de Rodrigo, se uniram em um momento de amor e escolheram dar vida a um ser tão iluminado. Os dois, certamente, também foram os grandes responsáveis pela educação e por direcionar Rodrigo aos estudos, para enfrentar as dificuldades de uma família humilde, como muitas do nosso Brasil, acreditando que a educação é a única forma de realizar sonhos, de transformar o mundo para melhor.

Esta publicação materializa um momento inesquecível. Aos que aqui contribuíram com o planejamento deste volume da Revista Diálogos SocioAmbientais, seus textos, estudos, conhecimentos, tempo, diagramação, impressão, a todos e todas, nossos mais fortes agradecimentos.

Neste sentido, estamos certos de que sempre haverá vida e memória para quem faz da carreira acadêmica uma missão.

Obrigada de coração, professora Vanessa.

Assinam:

Maria, mãe; Geraldo, pai; irmãs, irmãos, parentes, amigos e também sinto representar, neste momento, todos e todas que tiveram contato e puderam desfrutar desta energia tão presente do Rodrigo.

Denise Gonçalves Paixão, esposa

Barcelona, Catalunha, Espanha

Outubro/2024

